

Sabedoria

Keizo: Mestre, o que é sabedoria? É algo diferente de intelecto?

Mestre Shigaraki: Nossa atividade intelectual ou mental é conhecida, no budismo, como "consciência" (Tishiki em japonês) ou como "sabedoria" (Tie).

Keizo: Tishiki, consciência e Tie, sabedoria.

Mestre Shigaraki: O "entendimento" humano, portanto, pode ser dividido, de modo geral, nestas duas funções: Tishiki e Tie.

Keizo: Entendo que no Budismo, em algum sentido, a consciência difere da sabedoria.

Mestre Shigaraki: Consciência diz respeito à nossa atividade mental comum.

Keizo: Certo.

Mestre Shigaraki: Por exemplo, vamos analisar essa tulipa diante de nós.

Keizo: Eu vejo uma flor.

Mestre Shigaraki: Sim, é justamente isso. Ocorre que Intelectualmente, o 'eu' que vê e a flor que é vista, ambos surgem numa relação onde cada um se encontra em oposição e separado do outro.

Keizo: Aquele que vê está em oposição àquilo que é visto. É uma visão comum da nossa consciência.

Mestre Shigaraki: Além disso, quando normalmente vemos algo no sentido ordinário, temos uma espécie de reação subjetiva à coisa.

Keizo: Podemos pensar "não gosto de tulipas", ou "como eu amo as flores".

Mestre Shigaraki: Dessa forma nosso sentimento subjetivo vem à tona.

Keizo: Essa estrutura de cognição aparece nos doze elos que elucidam o processo de surgimento do sofrimento.

Mestre Shigaraki: Muito bem, meu amigo. Na maior parte do tempo, quando vemos algo, acabamos por perceber dessa maneira.

Keizo: O senhor quer dizer que há uma outra maneira de ver o objeto?

Mestre Shigaraki: Sim, e isso é a sabedoria.

Keizo: Finalmente o senhor me torna sábio!

Mestre Shigaraki: Veja bem, nosso conhecimento daquilo se baseia em uma relação entre o sujeito que vê e o objeto que é visto, certo?

Keizo: Sim, é a forma como vemos. Este modo de ver as coisas é chamado, no budismo, de consciência.

Mestre Shigaraki: Por outro lado, na sabedoria, em língua indiana, prajna, o objeto que é visto e o sujeito que vê se tornam um só.

Keizo: O sujeito que vê e o objeto que é visto se tornam um só? Como assim? Eu me tornaria uma tulipa?

Mestre Shigaraki: Aquele que vê só existe quando também existir o que é visto.

Keizo: Só existe o que vê quando existe o que é visto.

Mestre Shigaraki: Não existiria aquele que vê sem existir o que é visto por ele.

Keizo: Faz sentido.

Mestre Shigaraki: Para se realizar o ato de ver, o objeto é necessário. Nesse sentido, o que vê não pode ser separado do que é visto, certo?

Keizo: Sim, ambos dependem um do outro de uma forma inseparável.

Mestre Shigaraki: Para o budismo, ou melhor, sob o olhar do Buda, não há divisão entre o que vê e o que é visto.

Keizo: (silêncio)

Mestre Shigaraki: Aquilo que vê e aquilo que é visto se tornam um. Tanto você se torna a tulipa quanto a tulipa se torna você.

Keizo: Nunca tinha pensado que um dia eu me tornaria uma tulipa e vice-versa.

Mestre Shigaraki: Esta outra forma de perceber um objeto, neste caso, a tulipa, é chamado de sabedoria e representa uma outra estrutura de entendimento.

Keizo: Agora, gostaria de saber por que isso é chamado de sabedoria?

Mestre Shigaraki: Boa pergunta, meu amigo. No budismo há várias práticas, entre elas a mais conhecida talvez seja a contemplação, conhecida também como meditação.

Keizo: Sim conheço essa prática, aquela que nos acalma e tal...

Mestre Shigaraki: O objetivo da contemplação é aniquilar a linha divisória entre o eu e os outros, entre o eu e o mundo.

Keizo: O que acontece quando o praticante atinge esse objetivo?

Mestre Shigaraki: Ele assimila o conceito de Não-eu e é chamado de sábio.

Keizo: Mestre, então isso não é pra mim. Sou uma pessoa comum, com muitos defeitos.

Mestre Shigaraki: Recite o Nome do Buda Amida. A sabedoria do Buda nunca te abandona e atende ao chamado do despertar.

